

A ATUALIDADE DO TEXTO LITERÁRIO DOS SERMÕES DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Rita de Cássia Pacheco de Moraes

O livro é a mais perfeita imagem do seu autor; [...] o livro é um mudo que fala; um surdo que responde; um cego que guia; um morto que vive; e não tendo ação em si mesmo, move os ânimos e causa grandes efeitos. ¹

A presente pesquisa baseou-se, principalmente, nas teorias de Saraiva (1980), Bulcão (2008) e Muraro (2003), analisando o texto literário dos sermões de Vieira, especificamente o “Sermão do Bom Ladrão” e o “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”, comparando-os com textos do noticiário atual. Foram analisadas as obras, o autor, a estética barroca e o contexto histórico do Brasil e de Portugal nos séculos XVII e XXI. A primeira conclusão é a confirmação da importância das mensagens escritas por Vieira. Por meio delas, o leitor tem um modelo que foi essencial no século XVII e continua fundamental nos dias de hoje.

E o que pode ter caráter essencial e determinante por 400 anos? É o que nos mostra a opinião de Vieira sobre o livro e, por conseguinte, sobre ele mesmo. Somente o pensamento de um ser com uma conduta moral ilibada e um talento indiscutível com a palavra pode permanecer. Esse homem pregou uma doutrina, mas seguiu o exemplo do seu Mestre – o de fazer aos outros somente o que gostaria que fosse feito a ele. Reside aí o principal fator de atualidade dos seus escritos. O pensamento vieiriano é atual porque se enquadra na necessidade do presente, não é ultrapassado porque representa a regra básica do bem viver.

¹ VIEIRA apud BULCÃO, 2008, p. 213.

Por isso, um dos objetivos da pesquisa que era o de provar a atualidade dos sermões de Vieira, relacionando-os com fatos atuais, ficou evidente quando se comparou os sermões de ontem com as notícias de hoje, privadas somente da conotação religiosa, mas mantendo a postura moral que todo o ser humano deve ter para conviver em sociedade. As corajosas denúncias de Vieira são identificadas nos artigos de destemidos comunicadores como se, num trabalho gráfico, juntássemos os dois discursos em uma só matriz.

Nesse sentido, afirmamos ser indispensável o pensamento vieiriano nos dias de hoje, sobretudo para aqueles considerados formadores de opinião. Essa necessidade vai perdurar até que a terra não esteja mais tão corrupta como está a nossa. Até lá, os sermões de Vieira serão atuais.

Depois de evidenciada a contemporaneidade dos sermões, partiu-se para a identificação dos fatores que a determinam. As três hipóteses levantadas foram confirmadas. A primeira delas é a de que o estilo da escrita de Padre Antônio Vieira é um fator determinante para a atualidade do seu texto. O domínio excepcional do léxico fez com que o jesuíta trabalhasse de tal forma a palavra que seu texto se transformou em algo móvel, podendo se encaixar em qualquer tempo, sobretudo naquele em que os problemas são similares aos da sua época.

Outro item que contribui para a atemporalidade dos sermões do sacerdote é o fato do seu texto ter sido enquadrado como literário, pela alta carga de literariedade. Essa característica, por si só, evidencia a utilização, por Vieira, de um discurso amplamente figurado. O farto uso de alegorias fornece aos escritos vieirenses um lugar fora do domínio do tempo, fazendo, ainda, com que o abstrato fique mais tangível, clareando o entendimento do leitor em relação às narrações bíblicas, como, por exemplo, as que falam sobre os vícios e virtudes da humanidade.

O entendimento de Vieira acerca do tempo também é fator determinante na atualidade do seu discurso. A crença de que o presente é atualização do passado e passado do futuro, fez o jesuíta acreditar que o futuro estaria

sempre profetizado no passado bíblico. Como conhecedor das escrituras, ele só manifestava aquilo que já sabia.

Assim, chegamos à constatação segunda hipótese. Padre Antônio Vieira foi um visionário que anteviu a reincidência de chagas morais da humanidade como a corrupção e a escravidão. Vieira era um utopista porque era inteligente, perspicaz e conhecia profundamente a Bíblia e o ser humano. Ele só juntou as coisas e ficou sabendo qual seria o final, em outras palavras o futuro.

Mas o sacerdote inaciano acreditava numa sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da comunidade. Ao contrário de Pandora, a esperança foi um sentimento que nasceu e morreu com Vieira. Por isso, mesmo vivendo no século XVII e vislumbrando o interesse internacional pela Amazônia, a utilização das letras de câmbio, as lutas religiosas e, principalmente, as graves conseqüências daquela que é maior de todas as chagas da humanidade - o egoísmo, Antônio Vieira Ravasco morreu com a certeza de que um dia o Reino de Deus se instalaria sobre a Terra.

Essa mesma crença faz parte hoje do inconsciente coletivo e leva boa parte da humanidade a uma busca pelo Divino, representado não só nas relações religiosas, mas, também, na procura por valores como a honestidade, a dignidade e o amor por si mesmo e ao próximo. Esse estado se opõe à situação mental da outra parte da humanidade que, ainda estagiando na milenar nau do egoísmo e na busca pela sobrevivência, coloca o eu e os prazeres humanos em primeiro lugar. É, efetivamente, o conflito do divino com o terreno, do céu com o inferno, o que demonstra a terceira e última hipótese de que a população brasileira passa, neste século XXI, por uma crise de honestidade X sobrevivência que a faz experimentar os conflitos da estética barroca, sendo, por isso, capaz de assimilar os sermões vieirianos escritos nessa época.

Os conflitos atuais podem ser simbolizados com a situação de caos que vivemos na política brasileira (terreno). Os representantes da ação

protagonizam verdadeiros espetáculos de egoísmo - em toda a extensão da palavra. É o amor excessivo aos próprios valores e interesses em detrimentos dos outros; é o excesso de vaidade, de pretensão, de orgulho e presunção; é a paixão humana que esquece a lei moral enquanto experimenta o sentimento intenso do interesse particular.

O outro lado (divino) é simbolizado pela busca do ser humano por Deus. Novas religiões e filosofias emergem todos os dias em todos os cantos do mundo. A astrologia diz que a chamada Nova Era é uma mudança no trajeto do sistema solar em relação ao zodíaco. Depois de a humanidade ter vivido a era de Touro (civilizações mesopotâmicas), a de Áries (religião mosaico-judaica) e a de Peixes (cristianismo), agora inicia-se a Era de Aquário, que traz e anuncia profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros. Essas transformações significam um reequilíbrio entre pólos: corpo e mente, espírito e matéria, masculino e feminino, ciência e tradição, entre outros, fazendo a humanidade viver, mais uma vez, os conflitos entre os que, até então, são opostos.

O equilíbrio dessa balança pode significar a idéia que permaneceu durante os 89 anos de vida de Padre Antônio Vieira e que não morreu no século XVII – a do milenarismo, que nada mais é do que a espera de um paraíso terrestre reencontrado. Além de viva, a doutrina milenarista sempre vem à tona entre povos em crise, como o nosso, o que testemunha a atualidade e a importância do pensamento vieiriano nos dias de hoje. Para desmentir o sacerdote inaciano, seria necessário não desejar viver num mundo dominado pela paz e pela harmonia. E ainda mais, uma conquista sem exércitos armados, somente com a palavra e com a justiça. Alguém se habilita?